

A função social da escola na ótica de um professor de Sociologia de uma escola operária portuguesa, na transição da monarquia para a república (1907-1914)

Luiz Carlos Barreira¹

Introdução

Neste trabalho, apresentamos, de forma sucinta, algumas daquelas que consideramos serem as principais características do pensamento político-pedagógico de um renomado escolanovista português e um dos maiores difusores, além de praticante, das idéias libertárias no campo da educação e do ensino em Portugal. Estamos nos referindo ao educador Adolfo Lima, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra e professor na Escola Normal Primária de Lisboa. Foi, ainda, um dos principais mentores de um modelo pedagógico alternativo ao liberal, que orientou as práticas cotidianas de diretores, professores, alunos e funcionários de uma escola, a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, voltada para a educação de filhos de operários. Isso, no início do século XX, ou seja, pouco antes de ser proclamada a república portuguesa.

De 1907 a 1914, Adolfo Lima foi professor de Sociologia nessa escola, que pertencia à Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, uma organização de caráter maçônico e republicano, que, em 1913, passou-se a chamar Sociedade Promotora de Escolas. Fundada em 1905, a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa esteve inicialmente voltada para a formação técnico-profissional da infância operária, oferecendo cursos de marcenaria. Entretanto, a partir de 1907, quando Adolfo Lima e outros professores anarco-sindicalistas portugueses passaram a compor o seu corpo docente, uma outra forma de educar começou a ser nela experimentada.

É sobre essa experiência que, nesta comunicação, discorreremos.² Os principais traços dessa nova forma de educar, que serão aqui apresentados, foram extraídos, basicamente, dos artigos publicados por Adolfo Lima na revista *Educação*³ e da tese de doutoramento de António Candeias, que versa sobre o assunto.⁴

1. A escola em três tempos: passado, presente e futuro

Segundo Candeias, com a chegada de Adolfo Lima, Antonio Lima, Deolinda Lopes Vieira (Quartim), César Pôrto, Emílio Costa e José Carlos de Sousa, entre outros, à Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, duas correntes políticas com perspectivas diferentes no que diz respeito aos planos sócio-educativos – maçons republicanos e anarquistas – passaram a conviver em relativa harmonia. Entretanto, com o passar do tempo, o cotidiano dessa escola começou a mudar lenta e paulatinamente. Uma luta surda pela predominância dos dois modelos educativos ligados a essas duas esferas de influência política passou então a ser travada no interior da escola: de um lado, um modelo de educação liberal (similar, do ponto de vista pedagógico, aos modelos tradicionais), suportado pela ala republicana e maçônica; e, do outro, um modelo de educação “libertário”, apoiado pelo corpo docente anarquista.

Ainda segundo Candeias, a Escola Oficina teria sido, nesse período, uma espécie de laboratório pedagógico do anarco-sindicalismo português, que, “muito atento à sua vida, fez dela o seu modelo de educação, através da aprovação de uma série de teses educativas, no 1.º Congresso Confederal, 4.º Nacional, da Confederação Geral dos Trabalhadores (C.G.T.), a grande central sindical dos anos 20 de tendência acentuadamente anarco-sindicalista, decorrido em Santarém no ano de 1925”.⁵

Dentre as inúmeras críticas feitas por Adolfo Lima à velha escola – a escola que a recém-proclamada República portuguesa herdara do regime monárquico –, destacam-se as seguintes: a) total alheamento em relação à vida; b) transmissora de parcos e inúteis conhecimentos, posto serem eles desprovidos de utilidade prática; c) cultivadora de hábitos de dependência, uma vez que seus métodos e programas de ensino não criavam condições para que a criança pensasse por si e atuasse sozinha. Nessa escola, concluía Lima, tudo era erro, tudo era ilusão (ES, p. 163).

Ao negar a velha escola, apontando suas principais mazelas, Adolfo Lima afirmava algumas das virtudes daquela que deveria ser a sua antítese: a nova escola. Essa escola deveria ser “a imagem da vida”, como as suas palavras a seguir proclamam:

Pretende-se criar na escola um meio que seja a vida real, uma como que repetição ou cópia do que é o viver em sociedade. A escola deve ser um meio social experimental,

reflexo da realidade, em que a criança deverá ser treinada a ver, a observar a vida, a sociedade, onde mais tarde terá de haver-se, de existir (ES, p. 163).

Entretanto, essa nova escola não deveria reproduzir certos valores e crenças, tão caros à sociedade mercantilista e competitiva (capitalista) de então. Ao contrário, deveria esmerar-se em formar homens e mulheres solidários. Para a concretização de tão ambicioso projeto e o enfrentamento dos desafios que essa concretização traria, Lima assevera:

Ensine-se à criança a prática da vida (...); eduque-se a sua iniciativa, a sua independência, a resolver por si os problemas cotidianos de que for objeto (...) e a aplicar todos os conhecimentos adquiridos; mas não se há de fazer dela igualmente um ser perfectível e progressivo, dando-lhe, criando-lhe um ideal superior à mesquinhez da simples prática? Não se há-de fazer da escola esse meio ideal para que tendem as sociedades, em que experimentalmente as crianças pratiquem o auxílio mútuo, aprendam a pensar nos outros e a cuidar deles, a serem generosas, verdadeiras, leais, altruístas e natural e conscientemente solidárias? (ES, p. 164).

A escola nova pela qual Adolfo Lima luta não é realista, mas naturalista. E, aqui, percebe-se claramente a influência de Rousseau nas formulações político-pedagógicas do eminente educador português. Ao contrapor a escola do passado com a do presente e a do presente com a do futuro (a nova escola que os anarco-sindicalistas portugueses tanto almejavam), Adolfo Lima professa a sua crença na natureza “perfectível e social da humanidade”, como se pode perceber no texto abaixo transcrito:

A escola do passado, a velha escola era vã, inane; estava abaixo da vida, da realidade. A que querem no presente, exigem-na exageradamente a par da vida, (...) limitada à estúpida e vil vida vegetativa em que o estômago deve predominar; é realista. Ora, a escola não deverá colocar-se acima da vida, em que a idéia e os belos sentimentos predominem sobre tal prática? Em vez de realista não deverá ser antes naturalista? Não deverá antes basear-se na natureza perfectível e social da humanidade, que não exclui a idéia do futuro e a preparação para uma outra época, para melhores tempos? (ES, p. 164).

2. Desafios a serem enfrentados na construção da escola nova

No delineamento dos contornos da nova forma de educar proposta e praticada pelos educadores anarco-sindicalistas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, e divulgada por Adolfo Lima na revista *Educação*, a distinção entre educação e instrução e a admissão de que ambas seriam igualmente necessárias à formação integral da criança constituem uma das principais características do modelo pedagógico por eles defendido. Reconheciam,

entretanto, as dificuldades a serem enfrentadas pelo professor-educador no desempenho dessas duas importantes tarefas: ensinar e educar.

Para eles, ensinar seria fornecer à criança “um certo e sólido capital de conhecimentos devidamente concatenado e inteligível”, para que ela, fazendo uso desse conhecimento na sua vida cotidiana, pudesse compreender e discernir “as relações de causa e efeito”, mas jamais fazendo dela “um simples receptáculo onde se metem cousas ao acaso” (E, p. 61).

Por sua vez, o verdadeiro ato de educar teria por objetivo “criar na criança um método de trabalho, uma orientação, uma consciência de tudo que diz e faz”. O educador deveria “estimular-lhe o gosto pela actividade, desenvolver-lhe a vontade e a personalidade”. Deveria, ainda, “torná-la um carácter” de modo a poder harmonizar “as suas acções com o seu pensar”. Também deveria “canalizar-lhe ou desenvolver-lhe o exercício duma aptidão, duma inclinação, e, até, dum instinto, ou promover-lhe a inibição doutros instintos”. E, por fim, “cultivar-lhe um ideal” (E, p. 61).

Entretanto, para poderem ensinar e educar dessa nova maneira, os educadores verdadeiramente comprometidos com a formação integral das crianças, teriam de enfrentar dois outros problemas de difícil solução: a sua precária e inadequada formação e as más influências que os adultos exerciam sobre as crianças.

Comecemos pelas más influências. Como os adultos já se encontravam de certa forma “educados”, e não necessariamente de acordo com os princípios que orientavam as práticas educativas dos educadores anarco-sindicalistas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, eles representavam, na ótica desses educadores, um enorme obstáculo à formação das crianças. Sobre tais influências, Adolfo Lima assim se expressou:

Ah! as pessoas crescidas! Como seria relativamente facilitada e compensadora a missão do professor, como o seu trabalho seria profícuo e eficaz, se êle só tivesse a defrontar-se com a criança!

As pessoas crescidas são o flagelo do professor e da criança! São o fracasso de muita obra educativa. Manifestando ostensivamente todos os seus vícios, os seus erros, todos os seus preconceitos, e, sobretudo, a sua nula ou péssima educação, elas são um elemento deletério, a corrupção da influência da Escola. Os seus exemplos, o seu contacto, minam e arruinam o edifício que a educação cria em cada criança – edifício construído à custa de muita paciência, de muita dedicação, de muita boa vontade, de muito trabalho! (E, p. 61).

Por essa razão, educar, e não apenas instruir, seria uma obra extenuante e exigiria do educador aguda observação e constante atenção, para que nenhum pormenor, “o mais leve gesto, a mais insignificante contração do rosto ou das mãos da criança” fosse desprezado, de modo a perceber as causas que lhe davam prazer e as que lhe provocavam dor, e daí inferir as tendências e os temperamentos das crianças (E, p. 61).

Entra em cena a formação intelectual e moral do professor. Também o professor da escola nova, que então se constituía e se instituía pela ação cotidiana dos educadores anarco-sindicalistas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, deveria ser educado de acordo com os mesmos princípios que orientavam as práticas político-pedagógicas dos seus idealizadores.

O atavismo, a hereditariedade, o preconceito, o instinto, a tendência conservadora de aceitar idéias e sentimentos personificados nos adultos eram, no entender de Adolfo Lima, os principais inimigos da educação e do progresso. Para combatê-los e destruí-los, defendia a necessidade de um trabalho simultaneamente intensivo e pertinaz. Não seria em uma semana ou em alguns meses que os educadores conseguiriam inibir em uma criança “a tendência para actos que foram praticados durante séculos por uma raça” (E, p. 62). Para que tal objetivo pudesse ser atingido, uma ação convergente seria imprescindível. Nesse sentido, o educador teria de criar um ambiente, uma atmosfera em que a criança pudesse ser constantemente “solicitada a ver praticar e a praticar ela própria actos e acções atinentes ao desenvolvimento do que (...) [se quer] fazer brotar nela ou ao atrofiamento do que [se] lhe (...) [quer] estirpar” (E, p. 62).

Para que a educação pudesse ser profícua e fecunda, a criança deveria ser “colocada em circunstâncias favoráveis, num meio congruente à sua boa educação, saudável, activo, e não puramente passivo, em que tudo que a rodeia lhe seja propício, lhe estimule e crie – e não hostilize – a necessidade da verdade e do bem e que ela só ouça e veja essa verdade e êsse bem!” (E, p. 62).

O incômodo de Lima com as más influências que os adultos estariam a exercer sobre as crianças é uma evidência, como já dito anteriormente, que denuncia a influência de Rousseau nas suas formulações teóricas sobre educação. As palavras de Lima abaixo transcritas explicitam algumas das “más influências” a que ele se refere:

Quantas vezes uma pessoa crescida destrói com uma simples carícia, inoportuna, a obra educativa dalguns anos; quantas vezes um sorriso, de dúvida ou de desdém, uma palavra inconscientemente proferida não inutiliza o trabalho aturado dalguns anos de educação!

(...) Suponhamos uma escola situada numa vila ou num bairro de desordeiros. Todo o esforço do corpo docente deve ser para criar um ambiente de paz, de sentimentos paternais e organizar, pelo menos na escola, um meio hostil a tudo que seja luta, combate. A preocupação predominante deve ser apagar a tendência para a agressão, as atitudes e as acções que traduzam sentimentos de combatividade, de luta, que forçosamente devem manifestar as crianças cujos pais são afamados em desordens, em violências, em rivalidades.

(...) Imagine-se (...) surgir alguém junto à escola a ensinar jogos de luta, como o box, o do pau, etc., e imediatamente todo o trabalho educativo se perderia, seria inutilizado, despedaçado!

(...) um espetáculo de circo, uma tourada, uma sessão animatográfica, uma parada, um cortejo cívico, a escolha dum fardamento escolar, uma sessão solene, com oradores e sem critério educativo, uma récita, uma exibição, uma formatura, uma música, pode pôr uma criança em contacto, sob a influência dalgum elemento de fôrça, ou dalguma pessoa que inutilize toda a obra educativa dum professor ou dum corpo docente amigo e apaixonado até a abnegação pela sua escola, pelos seus alunos (E, p. 63).

A caracterização das assim chamadas “más influências” a que as crianças em processo de escolarização estariam sujeitas, e que caberia à escola, de uma forma geral, e ao professor, em particular, tentar evitar, enseja algumas indagações. Dada a diversidade das “más influências” acima arroladas, como poderia o professor, ou mesmo a escola, impedir que a criança se deixasse influenciar por algumas delas? Seria possível à criança (do operariado) viver apartada do seu próprio meio? Claro está que Adolfo Lima, seus colegas e diretores da Escola Oficina não ignoravam ser esse isolamento impossível. Por que, então, tanta insistência? Estariam eles querendo interferir no cotidiano das famílias operárias? Estariam eles querendo promover uma reforma moral e intelectual da sociedade, impondo ao trabalhador urbano uma nova racionalidade, de modo a fazer com que ele se submetesse a uma nova maneira de viver e pensar, portanto, a um novo modo de vida global? Caberia à escola, por intermédio de seus professores e alunos, tal tarefa? A julgar por algumas das práticas da Escola Oficina e, também, por alguns textos de autoria de Adolfo Lima, parece que sim.

Em resposta às acusações sofridas face à posição que assumira em relação às más influências que os adultos supostamente exerciam sobre as crianças, e sobre a necessidade de livrá-las dessas influências, Adolfo Lima, categoricamente, afirma:

Mas – dirão os *blagueurs*, *fazendo espírito* – só metendo numa redoma os meninos é que eles se livrarão das pessoas crescidas.

Sem me rir do espírito fino da frase respondo: sim, aceito; êles devem ser subtraídos a êsse contacto deletério pela forma mais radical possível, e nomeadamente daqueles que se julgando pedagogos não passam de *pedantes* – não no sentido etimológico do termo, mas no seu sentido depreciativo (E, p. 63).

Num derradeiro lamento, como se estivesse a reconhecer, sem, no entanto, admitir a impotência da escola e particularmente do educador frente às imposições da vida cotidiana, confidencia: “Ah! As pessoas crescidas! Como seria relativamente facilitada e compensadora a missão do professor, como o seu trabalho seria profícuo e eficaz, se êle só tivesse a defrontar-se com a criança” (E, p. 63).

3. Da necessidade de conquistar os alunos: novos programas e métodos de ensino

Como todas as leis e regulamentos, os programas de ensino não são nem podem ser, segundo Lima, “diplomas impecáveis, reguladores de toda a matéria e seguindo uma norma ou critério que possa ser acessível a todas as inteligências, a todos os saberes” (PM, p. 13). Mesmo quando não resultam da ação de políticos tendenciosos, das fantasias de um ministro, ou das elucubrações teóricas de algum pesquisador de gabinete, mas da experiência concreta de professores, os programas de ensino sempre oferecem, segundo Adolfo Lima, deficiências, lacunas, saltos e inseqüências. Mas, por quais razões? Principalmente porque, segundo ele, cada professor, “tendo sua psicologia, um cabedal de conhecimentos diferente, é levado a interpretar, a aplicar diversa e, até, erradamente toda a matéria dum programa de ensino” (PM, p. 13).

Por essas razões, um programa de ensino mal elaborado ou que estivesse em desacordo com as regras da assim chamada “boa pedagogia” poderia apresentar excelentes resultados, dependendo de quem o pusesse em prática. Por outro lado, um programa bem elaborado ou que seguisse rigorosamente as regras da “boa pedagogia” poderia resultar em monstruosidades, se quem o aplicasse não estivesse compenetrado do

seu espírito (algo bem diferente da sua letra) e tivesse outros processos de ensino, outro método (PM, p. 13).

De acordo com essa ótica, os programas de ensino, como instrumento pedagógico, pouco ou nenhum valor teriam. “Para o bom professor – diz Lima –, eles têm uma importância mínima; para o mau professor, para o professor inexperiente, eles são um tropeço e prejudiciais ao ensino, provocando-lhes erros de interpretação e de aplicação” (PM, p. 13-14). Em contrapartida, o método de ensino seria o fundamento da educação e da instrução. Para Lima, mais que o saber e a erudição, o domínio do método, pelo professor, far-se-ia condição *sine qua non* para se medir o alcance (os efeitos) da educação escolar.

Para ele:

Um professor por muito sábio e erudito que seja, por muito rigoroso que seja na aplicação dum programa o mais perfeitamente baseado e organizado na ciência pedagógica, se não tiver método, será um mau professor, não ensinará nada proveitoso e duradouro aos seus infelizes discípulos. Pelo contrário, um professor modesto, de saber limitado, mas sólido, não tendo a pretensão dum enciclopedista e tendo ao seu dispor um péssimo programa (...) ele pode fazer prodígios de educação e dar aos seus alunos uma firme, resistente e sã ilustração, se tiver método de ensino, digno deste nome (PM, p. 14).

O horror que a escola estaria causando em muitas crianças, seja por ministrar-lhes aulas desinteressantes e enfadonhas, seja por estar exigindo-lhes estudos que freqüentemente as aborrecem, porque alheios ou muito distantes da realidade por elas vivida, também estaria sendo determinado, segundo Adolfo Lima, “por haver programa a mais e método a menos” na escola. “O professor deve ser um educador do cérebro e deve criar nos seus discípulos o gosto pela matéria da aula, tornando atraentes os assuntos que trata e fazendo com que os alunos se entusiasmem e sintam necessidade de saber”, assevera Adolfo Lima (PM, p. 14).

A maneira como o professor introduzia a criança no universo de conhecimento das disciplinas que ministrava evidenciava, segundo Lima, uma aceitação pouco ou nada crítica do professor às prescrições dos programas de ensino, que determinavam que o início das atividades, em qualquer disciplina, deveria começar “pelos preliminares, pela nomenclatura que são sempre enfadadores (sic), aborrecidos, despidos de interesse para as crianças e

que as indispõem logo contra a ciência e o professor, sendo considerados tanto uma como o outro seus inimigos” (PM, p. 14).

De que forma, então, o professor, empenhado em cumprir bem essa sua “missão” de criar no aluno o gosto pela ciência, deveria agir? Para Adolfo Lima, ele deveria:

(...) saltar por cima do programa e começar por onde se lhe afigurar ser mais cativante para a criança, de modo a conquistá-la, a ganhar-lhe a atenção, o interesse. (...) Uma vez, porém, alcançada a desejada atenção, despertado o interesse e criado o gosto pela matéria da aula, então o professor poderá habilmente partir desse ponto em que conquistou os seus alunos para os fundamentos, os preliminares tendo o cuidado de os ensinar como incidente, como a-propósito (PM, p. 14).

Conquistar a criança para a ciência, era o grande desafio feito pelas pedagogias modernas a todos os professores interessados em cumprir sua “missão”. O mundo moderno estaria a exigir deles mudanças radicais em seus modos de ver, pensar e agir. Era preciso fazer com que a escola passasse a se organizar com base em outros fundamentos científicos e outras finalidades sociais. A falência da velha escola fora declarada. A pedagogia “tradicional” já não mais servia, posto não se preocupar com a educação integral do ser humano, mas apenas com o cultivo do seu intelecto. O emprego de métodos e processos de ensino que estivessem em sintonia com os avanços da ciência, especialmente da pedagogia e da psicologia, passou a ser então postulado. A nova escola deveria passar a observar outros critérios de organização, que não os da velha escola, fundados em uma nova orientação pedagógica e social.

Considerações finais

Nas práticas educativas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, vislumbradas por intermédio da análise que fizemos dos artigos que Adolfo Lima fez publicar na revista *Educação*, percebe-se, como se viu, uma clara influência das “modernas teorias pedagógicas” que circulavam pela Europa àquela altura. Essas práticas denunciam uma escola ativa, ou seja, uma escola com uma proposta pedagógica de educação integral do ser humano. Uma educação que procura romper com a histórica separação entre teoria e prática, entre braços e intelecto. E, principalmente, uma educação voltada para a solidariedade. Esta última foi, sem dúvida alguma, a pedra de toque do modelo pedagógico

produzido pelos sujeitos que ajudaram a fazer a história de uma escola para filhos de operários.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

² Trata-se de uma primeira aproximação em relação ao tema, que vem sendo explorado como parte de um projeto de pesquisa que o autor desta comunicação vem desenvolvendo com outros colegas pesquisadores, brasileiros e portugueses, em convênio de cooperação internacional firmado entre Brasil e Portugal. O projeto intitula-se “A história da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais” e é coordenado, no Brasil, pela Professora Doutora Marta Maria Chagas de Carvalho, da Universidade de São Paulo, e, em Portugal, pelo Professor Doutor Joaquim António Pintassilgo, da Universidade de Lisboa.

³ Trata-se de uma revista quinzenal de Pedagogia, editada pela Sociedade Promotora de Escolas, a mesma sociedade que, em 1905, fundou a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. Destinada aos professores das escolas primárias portuguesas, essa revista teve um curto ciclo de vida, pois circulou por apenas um ano: de janeiro a dezembro de 1913. Os artigos que Adolfo Lima publicou nessa revista e que aqui dão sustentação às nossas análises foram os seguintes: (a) Educação social. *Educação – Revista Quinzenal de Pedagogia*, Lisboa, n.º 14, 1ª Série, 1º Ano, p. 163-164, 31 de Julho de 1913 (referenciado, neste texto, pelas letras “EE”); (b) Educar. *Educação – Revista Quinzenal de Pedagogia*, Lisboa, n.º 6, 1ª Série, 1º Ano, p. 61-63, 31 de Março de 1913 (referenciado, neste texto, pela letra “E”); e (c) Programas e métodos. *Educação – Revista Quinzenal de Pedagogia*. Lisboa, n.º 2, 1ª Série, 1º Ano, p. 13-14, 31 de Janeiro de 1913 (referenciado, neste texto, pelas letras “PM”).

⁴ Essa tese foi defendida na Universidade do Porto e publicada pelo Instituto de Inovação Educacional de Lisboa. As referências que dela aqui fazemos foram extraídas da versão publicada. Cf. António CANDEIAS. *Educar de outra forma: a Escola Oficina nº 1 de Lisboa, 1905-1930*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1994.

⁵ António CANDEIAS, *op. cit.*, p. 29. As teses educativas referidas por Candeias foram publicadas nos n.ºs 2.057 (16 de agosto de 1925), 2.058 (18 de agosto de 1925), 2.059 (19 de agosto de 1925) e 2.096 (30 de setembro de 1925) do jornal *A Batalha*.